

O ORIENTADOR EDUCACIONAL COMO MEDIADOR NAS RELAÇÕES ESCOLA - FAMÍLIA

Sarah Suely Silva¹

PMCG/PB

sarahwk3260@gmail.com

Rossandra Oliveira Maria da Silva²

PMCG/PB

rossandra.oliveira@hotmail.com

Gilvania Wanderley de Andrade Ribeiro³

PMCG/PB (Orientadora)

gil-jesusristo@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por escopo apresentar o resultado de uma pesquisa bibliográfica referente a “O Orientador Educacional como mediador nas relações escola - família”, subsidiando os docentes na sua concepção de prática teórico-metodológica na unidade escolar, favorecendo aos discentes um melhor desempenho no processo da aquisição da aprendizagem. A construção da parceria enquanto uma relação de mediação e cooperação harmoniosa entre as instituições escola e família implica em colocar – se no lugar do outro, e não apenas na troca de ideias ou favores. Por sua vez, o referencial teórico está ancorado em autores cujo estudo se volta para um perfil do profissional da educação, sendo mais participativo e reflexivo sobre a complexidade dos saberes – fazeres pedagógicos. Nesse sentido, reforça – se então, uma perspectiva crítica da realidade e transdisciplinar das relações entre as instituições escola e família, convidam o Orientador Educacional a assumirem um compromisso social numa proposta mais intensiva e parceria.

Palavras-chave: Orientador. Mediador. Relação. Família. Escola/Aluno.

INTRODUÇÃO

¹ Pedagoga, com formação em Supervisão Escolar; especializações em: Supervisão e orientação educacional, Gestão e análise ambiental, educação ambiental. Atualmente atua como Supervisora educacional da PMCG/PB

² Pedagoga (UNINTER), Licenciada em Biologia (UVA), Especialista em Psicopedagogia (FIP), Saúde Pública (UNIPÊ), Gerente em Vigilância Ambiental em Saúde (PMCG/PB), Orientadora Educacional do Berçário Doce Infância.

³ Pedagoga, com Habilitação em Formação para Professores de Pré escola pela UEPB, Psicóloga Clínica pela UEPB, especialização pela UFPB em Educação Infantil. Atualmente atua como professora da Sala de Recursos Multifuncionais da PMCG/PB

O presente trabalho traz como tema “O Orientador Educacional como Mediador nas Relações Escola-Família” tem como objetivo proporcionar um ambiente harmonioso desenvolvendo a autonomia da família no sentido de atuar como parceira saudável e independente na unidade escolar e no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, faz necessário pensarmos em subsídios e sugestões para atendermos os pais no contexto escolar, tais como: viabilizarmos instrumentos necessários a família, motivá-los a serem frequentadores e parceiros do cotidiano escolar compartilhando do crescimento no processo de ensino-aprendizagem dos filhos de forma dinâmica, prazerosa e exitosa.

Considerando a realidade da educação brasileira e o anseio por uma mudança que priorize o processo do binômio ensino-aprendizagem, são necessários que se estabeleçam uma parceria entre escola- família, pois contando com este apoio dos atores envolvidos nesse processo – pais-escola-alunos – apontamos uma educação saudável e harmoniosa na tentativa de educarmos “sujeitos”, “indivíduos” ou “pessoas” em sua totalidade para atuarem como cidadãos pensantes numa dada sociedade.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e está estruturado em base teórica de autores e documentos oficiais que auxiliaram o nosso estudo empírico. No primeiro momento, apresentaremos conceitos sobre o orientador educacional como mediador nas relações escola-família. No segundo momento, discorreremos breves considerações sobre o contexto histórico do orientador educacional. E, no terceiro momento, discutiremos sobre o orientador educacional e o cotidiano escolar numa proposta de parceria.

Para feitura desse trabalho, recorreremos às contribuições de grandes autores como colaboradores que discutem o processo de orientação pedagógico, a saber: Grispun, Gadotti, Vascellos, Nérice, Placo entre tantos outros, os quais discorrem sobre a temática da Orientação Educacional (O.E).

Portanto, para exercer a função de orientador pedagógico, o professor deve encarar como prazerosa a convivência intelectual com os colegas envolvidos com a proposta pedagógica da unidade escolar, bem como o relacionamento com os pais e alunos a quem deve orientar.

O ORIENTADOR EDUCACIONAL COMO MEDIADOR NA RELAÇÃO ESCOLA - FAMÍLIA – ALUNO

A relação família-escola é fundamental no processo educativo. Porém, na nossa sociedade nem sempre essa relação se complementa, pelo o contrário é comum a escola se queixar da ausência da família e vice-versa.

Precisamos compreender que apesar da escola ter um papel fundamental na educação da criança, é dentro da família que ela recebe a primeira educação, nela que aprende regras do conhecimento moral que compõe a sociedade em que está inserida. É, no seio familiar que os sentimentos fluem, o amor, o ódio, a solidariedade e até se aprende a lidar com estes sentimentos no dia-a-dia, sendo que, para seu pleno desenvolvimento, a criança precisa viver no ambiente de total apoio e dedicação.

Hoje, poucos são os casos em que a família e a escola compartilham a responsabilidade sobre a educação escolar. Em geral, a escola promove reuniões para dá explicações, ou muitas vezes, fazer queixas sobre o desempenho e o comportamento dos alunos, pois, no mais os pais mantêm-se e são mantidos bastante afastados dos acontecimentos na esfera escolar.

No entanto, a família precisa compartilhar dos mesmos objetivos da escola de formar cidadãos, pautado em princípios e valores da responsabilidade, transparência e eficiência. Do contrário, qualquer tentativa da escola de educar seria difícil, pois entraria em atrito com a família. Percebemos que a educação dos filhos tem sido uma tarefa difícil para os pais, muitas vezes a família não consegue atender as expectativas da escola sobre sua participação na educação escolar.

Segundo o autor Castro,

A família e a escola, em parceria, poderão obter êxito na formação das nossas crianças e dos adolescentes, especialmente por meio do exemplo do dia-a-dia. É necessário entender que precisamos vivenciar valores como amor, fraternidade, autonomia, liberdade, compreensão, confiança, cordialidade, disciplina, empatia, entusiasmo, equidade, esperança, estima, fidelidade, honestidade, espiritualidade, justiça, ternura, criatividade, lealdade, otimismo, sabedoria, temperança, entre outros. (CASTRO, 2011 p.15-16).

Assim, compreendemos que o conhecimento da família e uma comunicação efetiva entre ela e a escola, além de condições básicas para uma realização de uma orientação familiar eficiente, são essenciais para a busca de uma unidade de princípios e de atuação entre ambas as instituições. Nessa dinâmica, podemos citar o trabalho do orientador pedagógico, que só pode ser realizado com a cooperação da família, respeitando valores e mantendo um sistema de comunicação para que essa interação não se perca já que ambas têm o mesmo objetivo que é o bem estar, o desenvolvimento e a formação do aluno. De acordo com a legislação vigente a Orientação Educacional, “será exercida em cooperação com a família, cabendo ao Orientador

Educacional, participar no processo de integração escola – família - comunidade”. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2006, p.62). Todavia, há muito tempo a educação está atribuída a alguns grupos, como: a família, a igreja e outros e está cada vez mais distante o propósito de educar com presteza para que o educando viva em sociedade com autonomia, utilizando-se de valores e princípios morais e intelectuais para que possa se sobressair em uma sociedade competitiva, globalizada e integralizada.

Grinspun (2010, p.55)⁴, diz que “[...] o orientador educacional dialetiza as relações e vê o aluno como um ser real, concreto e histórico [...]”. Que necessita ser orientado na construção do seu aprendizado e na formação do seu ser social. Nesse sentido, o papel desse profissional vem a somar ao trabalho de outros profissionais com o intuito de alcançar os objetivos propostos para uma educação de qualidade subsidiando esse aluno a se tornar um indivíduo politizado e consciente da transformação que deverá ser realizada na atual sociedade, tornando-a mais justa. Nesse caso, o orientador pedagógico possui um caráter mediador junto aos demais educadores atuando com todos os protagonistas da escola num resgate de uma ação mais efetiva elaborando uma educação com qualidade social no espaço escolar.

O Orientador Educacional entre os diversos papéis existentes, ele desempenha os mais estratégicos: monitorar e dá apoio pedagógico, técnico, e administrativo, e garantir a implantação de políticas públicas, que são as orientações oficiais que dão ênfase ao ensino e aprendizagem aos educandos, fazendo a instituição de ensino atingir bons resultados parciais na aprendizagem e oferecendo uma educação de qualidade social pautados nos princípios da solidariedade, transparência, competência e respeito mútuo, apesar de ser uma tarefa árdua, penosa e difícil demais para ficar apenas nas mãos de uma só pessoa, o professor.

Embora saibamos que há três redes de ensino que se estruturam para garantir o perfeito encaixe do trabalho educativo, se destacam: o coordenador pedagógico, o supervisor e o orientador educacional, pois essas funções importantes se articulam entre si formando um bloco coeso para garantir o sucesso do ensino-aprendizagem. Segundo Vasconcellos (2002, p.57) afirma que “é tarefa intransferível da pedagógica comprometer-se com a melhoria das condições e trabalho dos profissionais da educação”. Sem isto, todo o resto corre o risco de ser remendo novo sobre tecido velho.

Entretanto, esses personagens, a saber: supervisores e orientadores são atores fundamentais na peça real do desenvolvimento dos educandos, sendo que o primeiro está mais voltado às questões pedagógicas, porém com um olhar sobre o educando como um todo, o

segundo mais voltado para a vivência, ao emocional e ao social do aluno. As intervenções de ambos servem para que o professor-família-aluno possa interagir de forma a garantir o desenvolvimento do educando e de sua formação.

O orientador pedagógico, como o próprio nome sugere, orienta professores, alunos e familiares, fazendo mediações favorecendo o diálogo e a interação para que a escola possa caminhar de forma exitosa. Seu papel é de provocar experiências e vivências que leve o aluno a conscientizar-se de seu papel na sociedade e para uma melhor convivência harmoniosa e saudável. É necessário, refletirmos sobre suas ações e perceber o outro como um ser afetivo.

Portanto, o orientador pedagógico pode contribuir na formação do aluno em sala de aula, discutindo a gestão dos conflitos em geral do cotidiano que afetam a qualidade da aprendizagem, assim como também as relações sociais vividas na escola. De acordo com Vasconcellos:

O movimento de democratização e qualificação de educação é um amplo e complexo processo, que tem como meta a mudança da prática em sala de aula e na escola. Neste, a equipe diretiva (direção, supervisão, coordenação pedagógica, orientação educacional) tem um importante papel, dada sua influência na criação de um clima organizacional. (VASCONCELLOS, 2002 p.51)

Nesse ponto de vista, a gestão democrática deverá direcionar-se ao planejamento participativo, voltado para o bem comum e coletivo. Deixar de ser uma gestão burocrática, em que o papel de supervisor, ou orientador são tão isolados o que parece não fazer parte de um mesmo perfil, às vezes cada um não conseguem se entender por vê sua função ou cargo como mais importante que o outro.

A função do Orientador Educacional foi sendo ampliada, pois à medida que ela ajuda a educação, auxilia também a responder aos reclamos da sociedade atual, procurando constantes valores pelos jovens, conflitos de gerações, transferências da responsabilidade da família para escola, exigências que o aluno reclama no atendimento de suas potencialidades e no ajuste sócio emocional, o que notamos é que, o processo de orientação sempre manteve estreitas relações com as tentativas pedagógicas.

Recentemente, o orientador pedagógico passou a atuar de forma a atender os alunos levando em conta que eles estão inseridos em um contexto social, o que influencia o processo de ensino-aprendizagem. Porém essas mudanças significativas têm a ver com a influência de teóricos construtivistas, como Piaget, Vygostky e Wallon nos projetos pedagógicos das escolas onde está cada vez mais pautado pela psicologia do desenvolvimento do estudo científico das mudanças de comportamento relacionados à ideia durante a vida de uma pessoa.

Nesse sentido, o orientador pedagógico vive uma fase considerada crítica e que se configura como profissional necessário dentro da escola para mobilizar os que nela atuam para a formação do cidadão. A escola e o orientador pedagógico, nessa perspectiva, constituem-se importantes elementos e/ou ferramenta de mediação do ensino- aprendizagem do aluno e de sua formação como um todo. Grinspun (2003, p.20) ressalta ainda, que:

O trabalho do Orientador deve estar ligado a todas as áreas da escola onde todos trabalham em prol de único objetivo que é fazer uma escola que sirva aos propósitos da atual sociedade no que tange as exigências de formação de alunos e professores críticos e autônomos.

Em suma, é importante pensarmos na construção de um relacionamento entre escola-família onde priorizem a prática democrática, valorizando o respeito como parte de destaque da afinidade, no intuito de promovermos um ambiente harmonioso em que seja possível selar um elo de amizade e confiança e que se propague para o interior da unidade escolar, influenciando diretamente os atores principais do processo de ensino – aprendizagem, os alunos. Ressaltamos, ainda, a relevância do trabalho do orientador educacional no espaço escolar, como mediador nas relações interativas visando o sucesso da unidade escolar.

Breves Considerações sobre o contexto histórico do Orientador Educacional

Para feitura deste trabalho, nos detemos nos pressupostos teórico-metodológicos de autores renomados que contribuíram no processo da atuação pedagógica, a saber: Gadotti, Grinspun, Vasconcellos, Placo entre outros, os quais pensam sobre a temática em estudo. Porém, eles nos trazem abordagens e perspectivas sobre o contexto histórico sobre o surgimento da Orientação Educacional, bem como a possibilidade de reflexão e redimensionamento do trabalho pedagógico, efetivando a aprendizagem e sucesso de todos que fazem parte da comunidade escolar.

“A Orientação Educacional tem sua história como marco de desenvolvimento atrelado a da Psicologia, que data do século XVI e procurava através de psicotécnicas traçarem aptidões correlacionadas a atividades específicas” (GRISPUN, 1992. p.23). Seu desenvolvimento como função específica dentro do contexto escolar se dá no rastro dos avanços da Psicologia. No entanto, é preciso considerar que a noção sempre se fez presente na esfera educacional, tendo em vista que a Educação em si se propõe a orientação do ser.

Deste modo, até a década de 1920, a Orientação Educacional no Brasil constituía – se de atividades esparsas e isoladas em que se fazia presente o cunho de aconselhamento ligado a uma moral religiosa, a partir da década de 1920, com o desenvolvimento urbano-industrial, houve a necessidade de formação para essa nova realidade de trabalho. O ensino profissional foi sendo implementado e, com ele, a Orientação Educacional, serviço que poderia adotar uma linha de aconselhamento vocacional.

Autora Grispun (2003), reúne em sua ampla obra todo um arcabouço sobre a temática da Orientação Educacional, situando o profissional e as leis que regem tal profissão. A autora relata a sua origem, a qual se iniciou a partir da Orientação Vocacional nos EUA em 1908, com o caráter de aconselhador que marca toda sua trajetória, onde os movimentos da época teriam iniciado tal prática em todo mundo.

A preocupação com a organização escolar surgiu apenas em 1912 em Detroit nos EUA, através de Jéssé Davis, mas com a particularidade de acolher a problemática vocacional e social dos educandos de sua escola.

No Brasil, segundo a autora, a Orientação Educacional teve seu início na década de 1924 no Liceu de Artes de São Paulo, também com a função de Orientação vocacional. Enquanto para Nérici (1976, p.20), a primeira tentativa de Orientação Vocacional no Brasil deve – se a Lourenço filho, quando foi Diretor de Departamento de Educação do Estado de São Paulo, criando o serviço de “Orientação Profissional e Educacional” em 1931, o qual tinha como objetivo guiar o indivíduo na escolha de seu lugar social pela profissão. Também surgiram experiências isoladas nas escolas do Rio de Janeiro em 1934, sendo as pioneiras Aracy Muniz Freire e Maria Junqueira, pautando – se nos moldes americano e europeu de ensino.

A partir desse momento, a profissão do Orientador Educacional foi criada através da Lei de nº 5.564, em 21 de dezembro de 1968 e regulamentada pelo Decreto de nº 72.846/73. A função do Orientador Educacional no decorrer desse processo histórico se caracterizou desde um método considerado terapêutico devido às influências da Psicologia em que o aspecto principal era o ajustamento do aluno a sociedade e a família, até a função preventiva chegando ao seu atual momento.

A Orientação Educacional passou por diversos períodos de transformações, dos quais segundo Grispun (2003), se dispersaram. Os objetivos da orientação estão intrinsecamente ligados aos objetivos gerais da educação e, no contexto da escola, deixaram de ser claros e precisos, isto é, confirmado pela documentação legal que determina os objetivos e a prática efetiva do profissional.

É nesse sentido, que Grinspun (2003, p.16) afirma que: “[...] sobre as atividades desenvolvidas pelos orientadores, temos que nos deter aos diferentes períodos em que a orientação foi desenvolvida [...]”, dessa forma podemos compreender, as perspectivas das atividades desenvolvidas em cada conjuntura.

Sendo assim, destacamos o “Período Implementador”, caracterizado como cenário inicial da educação brasileira, no qual a orientação enfatizou os trabalhos de seleção pessoal e escolha profissional. Enquanto o “Período Institucional” foi determinado por exigir a legalização da Orientação Educacional nas escolas e dinamizar a criação de cursos que cuidavam da formação dos orientadores educacionais. No entanto, o “Período Transformador”, caracterizou – se a Orientação Educacional como educativa, pois nesse período as questões psicológicas ganharam mais espaços. Já o “Período Disciplinador” foi marcado pela obrigatoriedade da Lei de nº 5.692/71, que determinava o aconselhamento vocacional e a obrigatoriedade nas escolas de 1º e 2º graus, mas sem a “legitimidade de seus objetivos e propósitos por parte dos educadores, não garantiu a eficiência de seus resultados.” Portanto, o “Período Questionador”, levantou-se questionamentos sobre a formação e a prática dos profissionais da orientação educacional. E, por fim, o “Período Orientador” supostamente o período de “orientação” para a educação pretendida.

Portanto, sabemos que a Orientação Educacional passou por alguns momentos dentro da nossa história e nessa caminhada obteve várias características para atender o período sócio histórico em que se encontrava a sociedade. Isso por compreender que cada recorte da história surge uma nova necessidade e que precisa de novas técnicas e métodos próprios para uma melhor intervenção no ensino pedagógico.

O Orientador Educacional e o Cotidiano Escolar

Inicialmente, trataremos neste espaço, sucintas considerações sobre a importância da Orientação Educacional em subsidiar e exercer a função de orientador pedagógico e ocupar diferentes lugares na escola tendo por escopo potencializar o ensino e a aprendizagem dos alunos. Por excelência, a escola é o lugar organizador desse processo onde podemos utilizá-lo como competência dessa ação.

Nesse sentido, buscaremos situar o profissional desta área em várias questões do cotidiano escolar, discorrendo sobre o seu processo, pensando na democracia participativa de todos os protagonistas envolvidos na esfera educacional, apesar de que antes de qualquer produção textual, temos que ter esse conhecimento conceitual.

Entre tantos objetivos a serem alcançados a partir de um bom trabalho desenvolvido pelo orientador educacional, ressaltamos o cuidado que o mesmo deve ter em assegurar o bom desenvolvimento da escola onde evolui de acordo com as necessidades, com a função de auxiliar professor, família e aluno de forma a transcender os muros da escola abrangendo todos os aspectos do ser humano em sua constante busca pelo conhecimento e solução de conflitos e dificuldades encontradas na unidade escolar.

Com isso, os autores apresentam algumas das ações desenvolvidas junto às famílias. Assim, as experiências vividas na escola podem refletir na vida adulta de forma positiva ou negativa, portanto essa adaptação do aluno na escola torne – se algo de muita importância e deve ser preocupação de todos inclusive do orientador pedagógico.

Entretanto, a atuação do orientador junto à família é desenvolvida seguindo critérios. É necessário que essa parceria seja desenvolvida de forma dinâmica a partir de ações projetadas, só assim o orientador terá resultados eficazes no desenvolvimento de suas ações junto à família e toda comunidade escolar.

METODOLOGIA

Para que essa pesquisa de cunho qualitativo fosse realizada, recorri aos seguintes procedimentos metodológicos: Pesquisas bibliográficas acerca da atuação do Orientador Educacional seguindo as reflexões dos seguintes autores: Castro, Gadotti, Giacaglia, Grispun, Nerici, Placco, Vasconcelos e nos documentos legais que regulamentam a profissão, enfatizando a orientação educacional como mediadora na relação família/escola. Nesse sentido, abordamos sobre a importância da Orientação Educacional em transitar e ocupar diferentes considerações sobre o contexto histórico do orientador educacional, como também o orientador e o seu cotidiano escolar.

Segundo o autor Castro,

A família e a escola, em parceria, poderão obter êxito na formação das nossas crianças e dos adolescentes, especialmente por meio do exemplo do dia-a-dia. É necessário entender que precisamos vivenciar valores como amor, fraternidade, autonomia, liberdade, compreensão, confiança, cordialidade, disciplina, empatia, entusiasmo, equidade, esperança, estima, fidelidade, honestidade, espiritualidade, justiça, ternura, criatividade, lealdade, otimismo, sabedoria, temperança, entre outros.

(CASTRO, 2011 p.15-16)

Assim, compreendemos que o conhecimento da família e uma comunicação efetiva entre ela e a escola, além de condições básicas para uma realização de uma orientação familiar eficiente, são essenciais para a busca de uma unidade de princípios e de atuação entre ambas as instituições. Nessa dinâmica, podemos citar o trabalho do orientador pedagógico, que só pode ser realizado com a cooperação da família, respeitando valores e mantendo um sistema de comunicação para que essa interação não se perca já que ambas têm o mesmo objetivo que é o bem estar, o desenvolvimento e a formação do aluno. De acordo com a legislação vigente a Orientação Educacional, “será exercida em cooperação com a família, cabendo ao Orientador Educacional, participar no processo de integração escola – família - comunidade”. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2006, p.62).

Grinspun (2010, p.55), diz que “(...) o orientador educacional dialetiza as relações e vê o aluno como um ser real, concreto e histórico (...)”. Que necessita ser orientado na construção do seu aprendizado e na formação do seu ser social. Nesse sentido, o papel desse profissional vem a somar ao trabalho de outros profissionais com o intuito de alcançar os objetivos propostos para uma educação de qualidade subsidiando esse aluno a se tornar um indivíduo politizado e consciente da transformação que deverá ser realizada na atual sociedade, tornando-a mais justa.

O orientador pedagógico, como o próprio nome sugere, orienta professores, alunos e familiares, fazendo mediações favorecendo o diálogo e a interação para que a escola possa caminhar de forma exitosa. Seu papel é de provocar experiências e vivências que leve o aluno a conscientizar-se de seu papel na sociedade e para uma melhor convivência harmoniosa e saudável. É necessário, refletirmos sobre suas ações e perceber o outro como um ser afetuoso.

Portanto, o orientador pedagógico pode contribuir na formação do aluno em sala de aula, discutindo a gestão dos conflitos em geral do cotidiano que afetam a qualidade da aprendizagem, assim como também as relações sociais vividas na escola. De acordo com Vasconcellos: O movimento de democratização e qualificação de educação é um amplo e complexo processo, que tem como meta a mudança da prática em sala de aula e na escola.

No primeiro momento, apresentaremos conceitos sobre o orientador educacional como mediador nas relações escola-família. No segundo momento, discorreremos breves

considerações sobre o contexto histórico do orientador educacional. E, no terceiro momento, discutiremos sobre o orientador educacional e o cotidiano escolar numa proposta de parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, abordamos sobre a importância da Orientação Educacional em transitar e ocupar diferentes espaços na escola com o objetivo mediador nas relações família-escola, bem como breves considerações sobre o contexto histórico do orientador educacional, como também o orientador e o seu cotidiano escolar.

Por excelência, a escola é o lugar organizador desse processo, onde podemos utilizá-lo como território da ação do orientador. É fato que o trabalho e as responsabilidades do orientador pedagógico no contexto escolar são inúmeros e de grande valia para garantir o sucesso da função e da qualidade social da unidade escolar.

Em suma, sentir segurança nas ações e orientações realizadas, estar em plena sintonia com a direção da escola, estar sempre presente em todos os momentos e acontecimentos do espaço escolar, assegurar muito diálogo e a harmonia com os diferentes segmentos sociais da unidade, atentar – se em qualquer movimento em sala de aula, intervir adequadamente nas questões didático-pedagógicas, garantir um bom trabalho político e pedagógico voltado para as reais necessidades da comunidade escolar, estreitar as relações com as famílias dos alunos, incentivarem a equipe escolar para qualificar o saber fazer pedagógico, intervir no processo educacional da escola, mediante análise de indicadores e resultados apresentados ao longo do processo, desenvolver mecanismos de acompanhamentos e monitoramento do processo de ensino e aprendizagem da unidade escolar para aperfeiçoar os resultados, entre outras atitudes possibilitará ao orientador pedagógico, credibilidade e valorização do seu trabalho na construção de uma escola de qualidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ensino Fundamental / Ministério da Educação e Cultura. Brasil: Brasília, 1997.

CASTRO, Edileide. *Afetividade e limites: uma parceria entre família e escola*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Walk, 2011.

GADOTTI, Moacir (Coord.). *Educação e sociedade*. Ano II-nº6. São Paulo:Atlas, 1980.

GIACAGLIA, Lia Renata Angeline & PENTEADO, Wilma Millan Alves. *Orientação Educacional na prática: Princípios Técnicas Instrumentos*. 5ª edição: São Paulo, Thompson, 2006.

GRISPUN, M.P.Z. *O Orientador Educacional e seu trabalho na comunidade escolar*. Fonte: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/o-orientador-educacional-e-seu-trabalho-na-comunidade-escolar-3972566.html>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

GRISPUN, Miriam P.S. Zippin. *A orientação educacional: conflitos, paradigmas e alternativas para a escola*. 2ª Ed. São Paulo:Cortez, 2003.

GRISPUN, Miriam P.S. Zippin. *O espaço filosófico da orientação educacional na realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

NERICI, Imídeo Giusepe. *Introdução a Orientação Educacional*. São Paulo: Atlas, 1974.

PLACCO, Vera Maria de Souza. *O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola*. In PLACCO, Vera Maria de Souza; Almeida, Laurinda Ramalho (org.) *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Loyola, 2003. Pág 47-59.

VASCOCELLOS, Celso S. *Coordenação do Trabalho Pedagógico*. 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, Celso S. *Para onde vai o professor?* Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2001.